

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Na avulso, 160 rs.

A MARMOTA.

Desengano.

Já se foi o tempo em que esta alma cria!

Ao passar por uma donzella eu a contemplava em adoração e a edificava no meu pensamento.

Mas hoje, desengano fatal!

Quando a vejo, vem-me á imaginação o demonio da duvida; e involuntariamente me sahe dos labios — talvez já não esteja innocente.

R.

2.^a Carta macarronica.

(Continuação do numero antecedente).

§ IV.

Cum dependeret, a colonisatione, futurus nostrae lavorae, bancus gigantescus encarregabitur arrangendi, ad hunc imperium tantos colonos, quantos sunt arena praearum nostrarum.

Art. 1.^o—Colonei debent esse Patagonii.

Art. 2.^o—Locus hospedarie coloniale erit in cumene Panis Assucaris, ut habeant salutem toti colonii.

Art. 3.^o—Siquis lavrator desiderit contractare, cum banco gigantesco, colonos, potest jam facere requerimentos suos, in quibus apresentet garantias solidas ipsis colonis.

Art. 4.^o—Bancus gigantescus affiancat iudicare totos *esforços* suos ad propagandam colonialem.

P O L I T I C O .

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principio no n. 942.)

— Leonardo, és desapiadado; tuas palavras me varam o coração!

O filho de Iphigenia proseguio sempre na mesma exaltação.

— E esse homem, esse homem obscuro que tanto te amou, viverá no desespero! E tu lhe não concederás senão uma remota lembrança em tua alma occupada por outras

Art. 5.^o—Modus á quo debet bancus procedere in propaganda coloniale, erit arcanus magnus.

Art. 6.^o—Si magna fuerit cariositas omnium sabendi hunc arcenum, ille poterit vendiri, cum approbatione totorum socio-rum.

§ V.

A viis ferreüs dependet progressus imperii brasiliensis.

Ad hoc, bancus gigantescus proponet:

Art. 1.^o—Facere multas ferreas vias, terra marique, in patria nostra.

Art. 2.^o—In viis ferreis attendebitur commo detas passageiorum totorum.

Art. 3.^o—Pontes ac trilhii erunt fortes.

Art. 4.^o—Contractabuntur engenheirii sapientissimé Paizorum Baixorum.

Art. 5.^o—Nemo poterit andare, post creationem viarum ferrearum, gigante banqui, pede calcante, sub pena pagandi Municipali Camarae unam multam exorbitantemque magnam.

§ VI.

Est una aperta misericordia sabrare, a abismo ignorantie ac brutalitatis, illos, qui, in illo, jacent.

Ad hoc, bancus gigantescus proponet:

Art. 1.^o—Dare opus gente fradesque, concidando illá ad catechesem.

Art. 2.^o—Indii catechesati cum colonis Patagoniis empregabuntur in serviço lavorae.

Art. 3.^o—Si non est una utopia colonisatione in terra Sanctae Crucis director atque socii banqui gigantesqui erunt homines soli capaces dandi incrementum que impulsu colonisationi.

Art. 4.^o—Ad colonisationem bancus gigantescus habebit multos gerentes.

aflicções! Cevando a tua dôr com os objectos que mais a sangrarem, não tendo animo de acabar a vida, porque viveras, arrastrará seus dias no esquecimento e na miseria vagando pela tua porta, a quem teus filhos por divertimento apedrejarão, chamando-lhe o louco!... o louco!...

— Basta, atalhou a joven senhora: é muito o que soffri!... Meu Deos, teude piedade de nós!...

Depois de uma curta oração, tomou um capote, pôl-o sobre os hombros e, corajosa como uma mulher que ama deveras:—partamos, meu amigo, disse ousada; leva-me para onde quizeres...

— Narcisa! respondeu o mancebo com vehemente ternura: cêdes ao meus rogos? ah! toda a minha vida amando-te não te poderei pagar evidentemente esta prova de amor! E pegando no seu delicado corpo, saltou pela

§ VII.

Pax, in tempore belli, est tam necessaria sicut aer ad respirationem.

Ad hoc bancus gigantescus proponet:

Art. 1.^o—(unicus)—Facere tantum quantum potuerit-calande armas, cum pecunia multa.

§ VIII.

Nostra agricultura non est bona. Necessaria est mostrare totis lavratoribus viam seguram ad bonam agriculturam.

Ad hoc, bancus gigantescus proponet:

Art. 1.^o—Inventare, cum auxilio magis talente directoris sui, instrumenta totorum genorum, quae substituant braciis qui, in hac terra, non sunt abundantissimé.

Art. 2.^o—In tempore convenienti, haec instrumenta exponebuntur apreciacioni populis.

§ IX.

Politica nostra necessitat multum unam reformam. Circuli dederunt perfectas quadratos. Per causam circulorum habuit grandem barulhum hoc imperium.

Hodie, cognoscitur circulos non esse bonos, nostram patriam cominhare pessime. Homines pritant, palrant et res sunt ipsae. Et noster thesaurus pagat gritarium atque palvariam!

Ad hoc, bancus gigantescus proponet:

Art. 1.^o—Una commissio nominabitur, in tempore electiones, ad videndum ac examinandum circulos.

Art. 2.^o—Si circuli voluerint producere quadratos, commissio esforçabitur ut non realisatur quadratura circulorum.

Art. 3.^o—Commissio non attendebit programmis quia, illa sunt, semper atque semper, caterva petarum, et modus pillandi votos tolerorum.

mesma janella, por onde entrara, correu sem parar para o porto onde os esperava uma canda; pousar a moça dentro della, saltar ligeiro á prôa, e fuzel-a sahir da terra, foi obra d'um instante! Estamos livres, disse Leonardo, pegando no remo.

— Debaixo da protecção de Deos, respondeu a senhora de Villar, olhando para o céu.

Tinha o filho de Iphigenia frustrado toda a vigilancia de seus inimigos, mas é porque não reparou n'um vulto que embugado em um capote o seguira sem contudo o poder alcançar.

VI.

O Coronel Pedro Paulo desde o dia de sua apresentação em casa dos Villares, havia ficando summamente agradado da joven irmã de seus antigos camaradas. Esse casa-

§ X.

Nemo dubitabit *existentiam* viri morbi-
fici in terra nostra. Indico hunc virum de-
pendere a deieixo ac incuria illorum qui
potent facere multum beneficium nostrae
saluti. Rursum sunt repletae lamæ, nostrae
præie cobertae a *manu* nojento.

Ad hoc, bancus gigantescus proponet:

Art. 1.º—Extinguire morbi-ficum virum.

Art. 2.º—Tornare *estadium* salutarem
hujus terræ, beneficium sed non, ut hodi-
um, horribilem.

Art. 3.º—Si bancus gigantescus approba-
tus fuerit non erunt febres amarellæ, cho-
leræ morbi, et comitantes catervæ molestam
que dant lucros medicis, ac prejuisos
humanitatæ tote.

DISSECTIONIS.

Art. 1.º—Erunt actionisti BANQUIGIGAN-
TESQVI toti individui BASBAQVI qui habue-
runt pecuniam multam.

Art. 2.º—Ille qui fuerit major ASSTVS,
et qui fecerat multas actionibus, et dedêrit
multos cobritos directori, nominabitur
protectôr banqui gigantesqui.

Novus bancus, illustrissime redactor, erit
primus inter totos bancos. Fines illius uti-
lissim isunt. Habebam multa dicendi, sed
non volo esse massantem, et concludo di-
cendo:

Sum, semper atque semper,
amicus ac defensor bancarum,
Per omnia secula seculorum.

O TEAR DA AVO'

POR

CAROLINA ERIELX.

IV.

O trabalho.

Dois annos foram passados; Luiza e Cle-
mencia contavam sete e oito annos; Laura
pensava com um amargor profundo que
suas filhas, nascidas em uma posição bri-
lhante, não receberiam senão a instrução
do pobre, não seriam mais que fiandeiras
como sua mãe. De todas as preocupações
dolorosas de sua vida, era a mais cruel, a

mento, que principalmente só o havia
atrahido pelo interesse do *negocio*, occu-
pava agora toda a sua alma, não como uma
boa fortuna, poria como sua unica felicida-
de. Uma nuvem somente vinha toldar o
claro horizonte de sua ventura: era a esqui-
vança da noiva que nunca lhe dera o menor
signal de differença. Mas como o cavalheiro
de Villar lhe havia assegurado que isso
passaria com o tempo, tinha-se resignado
a esperar. Todavia, o que a principio
lhe pareceu ser motivado por esse acanha-
mento com que os Villares pintaram o ca-
racter de sua irmã, fazia-o agora clara-
mente notar que uma causa occulta a tor-
nava insensível aos transportes de seu apaix-
onado amor, e essa causa só podia ser um
sentimento do coração. Logo que teve esta
desconfiança, pareceu que todos os dias
vinha uma nova circumstancia augmentar
suas suspeitas, e o próprio dia das bodas

que a torturava mais, a que lhe fazia ter o
mais-vivo pezar de não haver aproveitado
esse tempo, em que tão facilmente podia
adquirir talentos, o algum meio de afastar a
miseria com o socorro de Deus e dos
braços.

Um dia, com o espirito cheio destes
inquietos pensamentos, destas tristes re-
cordações, foi á casa de um fabricante de
pannos para vender-lho o fio que ultima-
mente havia fiado, e ali ouviu o som de
uma voz, que não era a do negociante,
partir do gabinete em que costumava estar
habitualmente. Temendo perturbar algum
negocio importante, parou na primeira sala
contigua. Laura percebeu logo que era im-
possivel não ouvir o que se fallava; tencio-
nou afastar-se, mas não o fez porque não
se conversava sobre coisas secretas.

— E' como lhe digo, meu bom collega,
dizia uma voz de estrangeiro, comeci a
minha vida com duzentos mil réis, é verdade,
sem mais um real. Minha mulher era fiand-
eira, eu cultivava tres guias de terras que
possuimos, quando um parente longo nos
deixou por sua morte um conto de réis. Eu
pensava em augmentar nosso pequeno ramo
de vida; mas minha mulher teve melhor
idéa: « Ha na aldeã, me disse ella, fiand-
iras habeis que se achavam reduzidas a fiar
estopa, por não terem meios provaveis para
comprar bom linho; deixa-me empregar
nossos duzentos mil réis na compra do linho
indispensavel para ellas fiarem por nossa
conta; ellas ganharão com este arranjo e nós
nada perdemos, tu verás. » Com effeito um
mez mais tarde minha mulher trouxe-me
uma bella somma, fructo de sua empreza
de fiagem; então eu por minha vez tive uma
idéa. Se em lugar de vendermos o fio, disse
eu, nós fabricassemos o panno, seria, creio,
augmentar as probabilidades do ganho. Di-
zia a verdade; seis mezes ainda não se ti-
nham passado e já eu vinha vantajosamente
minha primeira peça de panno; tres mezes
depois, uma segunda peça; e finalmente fa-
bricámos muitas de uma vez que vendíamos
com proveito. Busquemos alargar nossa
casa, e dobrar nosso commercio; o resto
o meu collega sabe perfeitamente.

— Sim, sei que estabelecea honradamente
suas filhas e filhos; que estes concorreram
com as grandes casas estabelecidas, como a
minha, a trezentos annos no paiz.

— Penso que não pararão no bello ca-
minho que seguem, disse rindo o estran-
geiro. Sim, um adiantamento, com o tra-

foi o que lhe fez reconhecer toda a verdade.
Esse dia de alegria para todos os habitantes
da Ponta-Grossa foi uma sentença de des-
graça para os tristes noivos.

A pallidez extrema com que se cobrio o
semblante da virgem, dera bem a conhecer
ao Coronel a dôr que encerrava essa alma que
forcejava por se mostrar serena. E tanto si-
lencio na dôr, tanta reserva no soffrer, não
podia ser sacrificado senão ao amor: a don-
zella de Villar amar a outro?! Ah! este pen-
samento brotado como um verdade infer-
nal no cerebro do fidalgo o fez tocar o augo
do desespero. O ciúme, o fútil ciúme, que
flagella o coração que ama, foi um abutre
que se agarrou feroz á alma desse pobre
homem que amava sem confiança. Vingor-se
d'aquelle que dispunha da amor de sua noiva,
possuir essa mulher tão bella, que lhe estava
destinada desde do berço, obrigal-a a amar o
tambem: eis os tenebrosos projectos que fez

balho se estende, e por muito pequeno que
seja, é muitas vezes a base de grandes for-
tunas.

A estas palavras elle retirou-se.

Laura apressou-se em concluir seu nego-
cio, e, com o espirito agitado de novos pen-
samentos, voltou á sua choupana.

— Duzentos mil réis, disse ella á tardi-
nha pegando no trabalho, depois de ter feito
deitar seus filhos; duzentos mil réis, e mi-
nhas filhas seriam educadas como eu desejo!
Mas eu não possuirei jámais semelhante
somma; o que eu ganho é apenas sufficiente
para occorrer ás primeiras necessidades.

Em sua preocupação, Laura suspendia
seus afazeres: calculava quanto augmentaria
em suas rendas trabalhando mais duas ou
tres horas no correr da noite; porém este
calculo não servia senão para provar a im-
possibilidade de attingir ao fim desejado.

Então repellia esses pensamentos, tratava
de desviar de seu espirito sonhos ambicio-
sos. Vãos esforços, o numero 200000 se
gravava em toda a parte onde seus olhos
pousassem; era uma sombra magica que
não sabia de sua frente, e o seu pé e suas
mãos paravam ainda algumas vezes; ella
não queria deixar-se dominar pelo attrac-
tivo da opulencia.

Estava em um destes doces extosis, quan-
do um suspiro, escapado do seio palpitante
de uma de suas filhas, veio despertá-la. Ver-
gonhosa de si mesma, ergue rapidamente a
roca que tinha cahido ao chão com o sobre-
salto, e collocou com brusco movimento seu
pé na plancheta do tear: ia continuar seu
trabalho.

Mas a plancheta, que se balançava ha
tanto tempo nas corréas que a prendiam,
não pôde resistir ao choque; quebrou-se.
Laura abaixou-se para concertar a peça
desorganizada: mas, que surpresa! Debaxo
da plancheta, que se dividio em duas partes
em suas mãos, encontrou um escaninho,
semelhante á uma bocetinha, da qual tirou
um embrulho e um papel cuidadosamente
dobrado e escondido, tendo este sobres-
cripto:

A' minha amada Laura.

(Continúa).

(TRAD. POR BRACLIO CORDEIRO).

em quanto recebia os parabens dos nume-
rosos convidados, e cujos negros detalhes
minuciosamente repetidos em seu pensa-
mento, lhe davam uma especie de alivio, se
me posso assim exprimir, e mergulhavam
sua alma nas tenebrosas trevas em que es-
tava envolvida. Conhecer o homem que
ousava amar a mulher que hia ser sua es-
posa, era todo o seu anheilo; os meios de
poder descobri-lo a propria Sra. de Villar
lhos daria.

Entre tanta gente convidada, pensou elle,
que hude vir a festa, heido ver aquelle que
desejo; não é possível que ella deixe hoje
de dar o ultimo adeos ao seu amante... E
pôis seguiu a marçã como a sua sombra.
Foram vãs as suas preocupações; nada viu
que confirmasse suas suspeitas.

(Continúa).

CARTAS MYSTERIOSAS.

(Continuação do n. 941. Principiou no n. 940).

Carta VI.

LEONOR A EMILIA.

Emilia, a meu pesar de ti distante, Sem ver-to, sem fallar-to e sem ter mesmo Quem por nossa amizade se interesse, Não te pude enviar de Armindo a carta, Quo inclusa te remetto; elle inda pede Resposta da primeira, o que ou entendo Ou que dal-a não devo, ou que a mandal-a Seguir n'ella não posso o teu conselho. Armindo quer comigo fazer jogo, Quer ver se caba no laço o passarinho, Quer o meu coração p'ra seu brinquedol' Homem! homens cruéis!... bem vos conheço, Sei o que sois e o que fazeis, ingratos, Quando nós, coitadinhas, nos curvamos De vosso amor ao jugo!... Amor! que digo? Pois ha homem que saiba o que amor vale? Que seja amante como nós lhes somos, Que, de tudo privados, sacrificiem Seu presente, futuro, e tudo quanto Esmalta e dá valor á sociedade, Como por elles nós sacrificamos? E porque causa, Emilia? muitas vezes Por falso coração já dado a outras, Que infelizes tambem ficam roubadas, Quando menos suppõem, de um bem que tinham, E que d'ello, feis, na posse estavam! E quem de amor um tal *stellionato* Committe, minha amiga, o que é que soffre? Nada, porque das leis sendo juizes, E tudo, nesta nossa sociedade, De nós caso não fazem senão quando Para suas delicias nos seduzem E nos levam do rigo ao precipicio Oute só nós, Emilia, é que perdemos Tudo!... E o que perdem elles? — nada! Das moças no Brasil é esta a sorte: Sacrificios de amor não ha quem pague; Da virtude bem pouco se aquilata; Entre a gente da corte o dom sublime. Nas conquistas mais ganha o que atilado Feliz pilhou: quem não pilhou, pilhasse. Sabes o que de nós disse Castilho Nos — *Ciúmes do Bardo*. — eu te repito Versos, que sem cessar trago na idéa:

« Mulher pura e fiel não ha, nem houve,
« Pudesse uma só não contel-as todas,
« E o piloto fuisse eu!... »

Li, não sei onde

De um anonymo autor este quarteto:

« As mulheres são falsas como Judas,
« Em materias de amor são pertinazes;
« Teimando são de se matar capazes;
« Morriam secas, se nascessem mudas! »

Emilia, queres mais? inda mais provas Desejas que eu te dê do que são homens? Inda ha pouco tambem li na *Marmota* Esta quadrinha, que vem muito ao caso, Das tuas que minha avó cantava ao cravo, Como agora no piano as moças cantam Arias de Verdi, que cantar não podem: Vê como achas, Emilia, o tal versinho?

« Oh Manoel não te embarques,
« Olha que o mar não tem fundo;
« O mar é como as mulheres
« Que enganam a todo o mundo! »

Isto disse um, e os mais dizem o mesmo, Quo — *ver um é ver todos* — o eu não creio Que seja Armindo uma excepção da regra. Deixem-o pensar, pobre patinho, Por não julgar que amor é borboleta Que embebida na flor qualquer a apanha. Victimos somos de seus máos humores, De seus caprichos e accintosas graças; Façamos nós tambem o que elles fazem; Por um paguem os mais, e deste modo Nós podemos com elles saldar contas. Este é meu parecer; não te aconselho, Que o maltrates, mas dizo-lho o que pensas A meu respeito, franca; é quanto basta. Elle hade, se quizer, sair da toca, Dizer hade ao que vem. *Venha de banda,* Quo não vem mal, Emilia, como dizem Na sua *gyria* os nossos capadocios. Com posinhos de lá não pense que hade Pelo templo de amor entrar mansinho, E pisar de meu peito as alcantifas; Não, de certo que não. E não *consistas,* Emilia, em pretender que eu ceda aos rogos De um poeta tambem; a poesia E' boa para os anjos; cá na terra Dá gloria a quem a faz depois de morto. Nas mãos te deixo, pois, de Armindo a carta E se elle te escrever, dá-lhe a resposta Quo melhor nos convenha; tu bem sabes Para mim o que vales; os teus votos Os meus votos serão; que insoparáveis Hade sempre nos ver a sociedade; Té juro pelo céo. Adeos, Emilia; « Som que te diga mais, assaz te digo. »

LEONOR.

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1837, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

Não vos envergonha isso? Mas direis vós: E' uma injustiça do mundo! E' verdade, é uma injustiça do mundo; mas qual he o remedio? Podemos emendar o mundo? não; e não como elle é devem os-nos subjair a todos seus caprichos! Este é o meu entender; e perdão-me si não fallei á vossa vontade; mas como vos estimô, por isso digo o que sinto.

— Agora, minha filha: que dizes a isto?
— Que vos ficareis contente de mim meu pai, o en de vós.

— Então o que resolves?
— Quo abandono a mão de Julianno.
— Que melhor coisa poderia fazer minha filha? nada que tão bem te diga!

— Não seja por minha causa mancha á minha familia! Abandono a mão de Julianno, e com ella o mando e todos os seus encantos...

— O mundo, e todos os seus encantos! (exclamou Roberto)!

— O mundo, o todos os seus encantos (repetiu Clara com um accento frio, e ao mesmo tempo doloroso).

— Eu não te entendo (disse Paulo).
— Digo, senhor, que abandono a mão de Julianno, mas que as portas de um convento se deverão fechar sobre mim!

— Não; não posso consentir.

— Senhor, existes de mim o sacrificio de toda minha affeição, o sacrificio de meu futuro, o sacrificio de minhas esperanças, o sacrificio do meu socego, o sacrificio de minha vontade, e finalmente o sacrificio de minha vida, porque vos sacrificando meu amor, sacrifico-vos tudo quanto em mim ha de sentimento, e do vital tudo fiz, tudo vos sacrifiquei, tudo... e para mim não reservei mais do que o resto inutil de uma existencia afflicta! os suspiros de minha alma, as saudades de meu coração, e os pedaços destrocados de um futuro doloroso! afogados em lagrimas entre as paredes de um claustro!... e isto mesmo vós, meu pai, não me quereis consentir?! Então porque me deixais esse resto d'existencia? tirai-m' a; vós m' a destes...

— Clara, minha filha, tu não sabes o quanto te amo! E hei de ver-te sepultada viva entre as paredes de um claustro? Não; nunca, não é possível.

— E no entanto é preciso, meu pai!... Morta para Julianno, eu devo morrer para o mando!

— Mas não te offereço eu em troca de Julianno um joven digno de ti, mais formoso, o mais bello do que elle?

— Em troca, meu pai? o objecto que se ama fica muito acima de tudo quanto ha no mundo; não soffre comparação com cousa alguma; como pois me fallais em troca? Quem troca o que possui pelo que não tem é por que está convencido de que o que possui não é bom, e o que vai haver é melhor; não estando eu convencido disto, como trocar?... Leoncio é mais formoso que Julianno, e mais bello, é verdade, e eu bem o conheço; mas não é por ser formoso nem bello, que um homem é amado! Trocar Julianno, si por Deos! Perco um esposo mortal, ganho um esposo divino! Esta é a unica troca que pode ser em meu favor: nem vós, meu pai, vos podereis com razão oppor a ella.

— Pois eu me opponho a que cases com Julianno, e a que entres para um convento.

— A que caso com Julianno, sim, meu pai; mas a que entro para um convento, não. Para isso eu não preciso mais que alguns centos de mil réis para minha dotação, e para isso me sobra a legitima de minha mãe. Quanto mais que esta sempre foi minha vontade. O amor de Julianno me fez mudar de voto; mas uma vez que sou forçada a abandonal-o, volto á minha primeira vocação. Quero pois um convento.

— Clara, disse o padre) e tendes pensado bem sobre essa resolução?

— Muita.

— Creio que não.

— Estais enganado.

— A vossa resolução é filha do vosso pezar, e por isso meos pensada, e menos prudente. Muito mais velha do que vós, mais experiente, e mais conhecedor das cousas, posso, e deve até aconselhar-vos. A amizade, que me liga a vosso pai, a estima em que vos tenho, o meu sagrado ministerio, meus conhecimentos, e experiencia dão-me direito a aconselhar-vos, e dirigir-vos. Si tivesseses uma educação para o claustro firme, inabalavel des da infancia, bem não buscaria eu dissuadir-vos della, e antes vos aconselharia que a seguisseis; mas tanto não tinheis vós essa vocação, que vos quereis casar; e esse voto só apparece em vós quando estais ameaçada de perder o homem a quem amais; e pois vossa vocação é

filha do vosso despeito, e da vossa dor; e no estado em que se acha vosso coração longe do sor o claustro um autidoto contra o vosso amor, é antes uma nova materia que o deve animar mais! A solidão, minha filha, o claustro, é só proprio para almas livres; são as almas isemptas que alli encontram socego na vida, prazer no retiro das cousas do mundo, e felicidade na contemplação das cousas do céu! Para uma alma livre, no claustro, suas esperanças estão cheias, e seu futuro completo. Como nada se espera do mundo, nada se teme! e como nada se perdeu, nada se sente! Então não se levando do mundo idéas de amor, recordações ternas, pensamentos enamorado, sentimentos dolorosos, não ha pezares de o haver encontrado tão máo, ou de o haver deixado tão bom! Não ha pois resentimento de suas penas, não ha pois saudades de seus prazeres! Assim, são as horas doces, os dias tranquilllos, as noutes socegadas, e a vida verdadeiramente suave, e verdadeiramente amena!

Não é assim uma alma, que amou, que perdeu o hem que amava, e que despeitosa se recolhe ao claustro!

O pobre cego.

— Uma esmola ao pobre cego,
Uma esmola, meu senhor!
Mitigai meu soffrimento,
Abrandai-me a triste dôr!

— Uma esmola, senhor meu!
Uma esmola ao pobre cego!
A pobreza me acabrunha
Não mais posso ter socego!

— Às injurias sempre exposto
Do tempo, vivo pensando;
Uma esmola por quem sois,
Que a fome me vai ralando!

— Tiritando estou de frio!..
Piedade, meu senhor!
Uma esmola ao pobre cego;
De mim sêde o Salvador!

— Por leito tenho a calçada,
Por coberta eu tenho o ceu!
Tambem tenho travesseiro...
P'ra encostar o rosto meu;

— Uma pedra forte e dura
O descaço me apresenta.
Tenho frio.... oh!.. muito frio!..
Mal me cobre a vestimenta!

— Que importa que eu tenha fome,
Si a tem tambem o meu cão?
Que importa morrer á mingua,
Sem ao menos ter um pão?

— O que importa?! muito importa!
Dá-me a vida e o sustento!
E' precisa a paz á alma
E ao corpo um alimento!

— Uma esmola ao pobre cego!
Uma esmola, oh meu senhor!
De um cego tendo piedade,
D'elle sêde o Salvador!

— Uma esmola, que o Eterno
Louvará esse acto teu;
Uma esmola, oh passeiante,
Pelo Deos que está no ceu!

— Nada! nada uma resposta...
Uma esmola... ninguém dá!..
Oh! meu Deos! quem me socorre,
Quem do mim pena terá?! —

— Um pobre que então possava
Lhe disse:— toma este pão!
— Deos vos dê prosperidades,
(Disse o cego) meu Irmão!

Estes versos nos foram mandados pelo
Sr. — M. A. Calazans Peizoto.

A ILUMINAÇÃO.

D. MARIA AMELIA DAS NEVES

Esse teu rosto formoso
Tão mimoso
Tem da rosa a linda côr;
Tudo em ti só é belleza,
Singularidade
Tudo em ti é só amor.

Quando em ti grato diviso
Um sorriso
Um sorriso angelical,
Sinto n'alma a melodia
D'harmonia,
D'harmonia virginal.

Tu és, ó bella, formosa
Mais mimosa
Que a mesma côr da saudade!
E's um anjo em quem na terra
Só se encerra,
Só encerra a castidade.

E's entre as bellas a bella,
Oh! donzella,
Que abalas meu coração;
E por isso eu só desejo,
Só almejo,
Tenhas de mim compaixão!

Theodolindo Cezar Filho.

LIÇÕES

DA ESCRIPTURA SAGRADA

OU VIDA DE

JESUS CHRISTO

posta em versos simples, e adequados á comprehensão dos meninos e a elles offercidas por

UMA FLUMINENSE.

(Continuação. Principiou no n. 307.)

Jesus Christo cura a sogra de S. Pedro e muitos endemoninhados.

Sahindo da Synagoga,
Em casa de Pedro entrou,
Cuja sogra, hem doente,
Que a curasse supplicou.

Chegou-se Jesus á ella
Que em febre se consumia:
Ergue-te, diz, e ella logo
Mui boa a todos ouvia.

Depois uma multidão
De enfermos se apresentou,
E Jesus lhes pondo as mãos,
A todos elles curou.

Para as palavras cumprir-se
Por Isaias falladas:
« Doenças, enfermidades
Por Elle serão levadas. »

E toda a cidade inteira
À porta se agglomerou,
Exclamando:—Vós sois filho
De Deos, que tudo creou!

Jesus no dia seguinte
Tendo cêdo se acordado,
Foi ao deserto onde, só,
Orou na terra prostado.

Mas Pedro e os mais discipulos
Foram logo o perturbar,
Dizendo que a gente toda
Se caçava de o buscar.

E o povo logo o cercou
O querendo demorar,
Pois temiam que Jesus
Os quizesse então deixar.

Mas Jesus assim lhes disse:
« Para o Evangelho prégar
Foi que vim de Deos, meu Pai:
E preciso caminhar. »

E por toda a Galiléa
Andava Jesus prégando;
Curando quem padecia
E os demonios expulsando.

THEATRO

O—GYMNASIO—cujas portas estavam fechadas ao publico apreciador das bellas scenas dramaticas, deu hontem a sua primeira representação, que nos consta muito agradável, achando-se a pequenina salt pintada e preparada de modo que se torna muito interessante e summamente agradável.

Tudo o favor prestado pelo Corpo Legislativo a esta empreza, é de grande utilidade para o publico em geral, pela conveniencia da emulação, e em particular para todos os artistas, pela necessidade de mais um recurso.

MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez o conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

— O que mais distingue o homem dos animais, é que um possui, e os outros não têm a idéa de Deos.

— O homem dispõe suas vias, mas Deos conduz seus passos.

— Qua é o homem para ser honrado com as visitas de Deos, e para se tornar objecto do seu amor?

— O Rei Filippo tinha um pagem fiel, que todas as manhãs lhe repetia estas palavras:— Lembra-te que és homem.

A charada do n. antecedente é *Christianismo*; por esquecimento faltou a ultima syllaba.